

Introdução

A natureza de meu trabalho como supervisora acadêmica em uma instituição de ensino de inglês como língua estrangeira me leva, diariamente, a discutir questões relacionadas ao ensino e aprendizagem e à prática do professor de línguas. Esta dissertação é fruto de uma necessidade de refletir também sobre a minha própria prática profissional.

Dentro do departamento acadêmico da instituição onde trabalho, engajo-me diariamente em diferentes atividades inerentes à minha função, que compartilho com outras cinco professoras/supervisoras. A equipe de supervisoras acadêmicas tem responsabilidades que incluem seleção e acompanhamento de novos professores e elaboração de materiais didáticos, entre outros (cf. Descrição do cargo das supervisoras, Anexo 1). O fato de trabalharmos em um departamento responsável pela maioria das decisões relacionadas aos aspectos pedagógicos da instituição nos leva a uma freqüente troca de idéias e opiniões, que pode se dar tanto durante uma reunião formal, ao redor da mesa na sala de reuniões, quanto dentro de um restaurante, no horário do almoço. Dessas reuniões, formais ou informais, resultam, direta ou indiretamente, os documentos, projetos, planos e decisões que permanecem como registros oficiais do nosso trabalho.

No entanto, as atividades nas quais nos engajamos nos bastidores de nossa prática, no processo de produção desses registros oficiais, podem ser mais representativas daquilo que nós somos como um grupo. Em outras palavras, essa interação constante, característica do nosso dia-a-dia, mas ‘inexistente’ no que diz respeito aos registros institucionais oficiais, representa um aspecto fundamental de nossa prática profissional. É durante esses momentos que construímos não só o trabalho de supervisão acadêmica, mas também nossas identidades profissionais e pessoais. Por isso, o caminho em relação ao objetivo de minha pesquisa - buscar entendimentos acerca da comunidade de prática na qual me incluo - passa, necessariamente, pela investigação dessa interação rotineira ‘quase-oculta’ dentro do grupo de supervisoras acadêmicas do qual faço parte.

Para tentar entender melhor a natureza de nossa prática profissional, investigo as seguintes questões:

- De que formas o grupo de supervisoras se constitui como uma comunidade de prática?
- Como se constrói o nosso ‘ser/fazer’ supervisão acadêmica durante nossas interações nos bastidores de nossa prática profissional?
- Como construímos nossa identidade de grupo durante esses momentos de interação?

À luz dos princípios da Prática Exploratória, busquei incorporar a busca por entendimentos à minha prática regular como supervisora acadêmica, acrescentando uma nova dimensão ao nosso ‘fazer supervisão’ no dia-a-dia, ao lançar um olhar exploratório sobre as interações do grupo.

A geração de dados, assim como a escolha dos participantes, levou em consideração os princípios da Prática Exploratória de envolver todos numa busca por entendimentos que resulte em uma melhoria da qualidade de vida do grupo. Por isso, optei por monitorar a interação rotineira de nosso grupo de supervisoras, através de gravações em áudio de nossos encontros, programados ou espontâneos. Além disso, com o objetivo de obter informações pessoais sobre as participantes desse estudo, tive conversas individuais com cada uma de minhas colegas e utilizei notas de campo nas quais descrevi momentos que não estavam sendo gravados e que se mostraram relevantes para a minha pesquisa.

A dissertação está dividida em cinco capítulos. No Capítulo 2 apresento uma revisão teórica de conceitos e idéias que iluminam minha pesquisa. Inicialmente, explico minha opção pela Prática Exploratória como a filosofia que orientou meu estudo, enfatizando minha crença na pesquisa do praticante. Em seguida, discuto o conceito de comunidades de prática (Wenger, 1998), a partir do qual busco entender a interação e a co-construção da identidade de meu grupo; defendo a relevância de se estudar o discurso no trabalho, em especial no contexto acadêmico, e reviso os conceitos da Sociolinguística Interacional que serviram como base para a análise dos dados.

No Capítulo 3 relato os aspectos metodológicos de minha pesquisa. Aprofundo a discussão sobre minha opção pela Prática Exploratória, tratando das oportunidades e dos desafios que se apresentaram como consequência de minha escolha. Em seguida, trato do contexto de pesquisa, descrevendo detalhadamente

a instituição, os participantes e o processo de monitoramento de nossa prática através do qual os dados foram gerados.

No Capítulo 4 apresento e analiso os dados com foco na interação dentro do grupo de supervisoras. A análise foi organizada a partir de quatro dimensões inter-relacionadas identificadas nos registros das interações do grupo. Três delas foram sugeridas por Sarangi & Roberts (1999) como temas recorrentes em pesquisa sobre a linguagem no trabalho, a saber: tomadas de decisões e resoluções de problemas, construção de conhecimento e credibilidade profissional, e a construção da nossa identidade de grupo. A quarta dimensão, o olhar exploratório, surgiu como consequência de minha opção por desenvolver este trabalho dentro dos princípios da Prática Exploratória.

Finalmente, no Capítulo 5 discuto entendimentos que alcancei no decorrer desse trabalho, ressaltando as contribuições para o meu grupo e a Prática Exploratória.